

23 MAI 1986

Triste espetáculo num Poder sem prestígio

A cada dia, a sociedade brasileira assiste a mais uma demonstração de que a atual legislatura passará à História como uma das piores na vida do Congresso Nacional. O espetáculo deprimente da arruaça das galerias, do "bazar oriental" em que se transformou a sede do Poder Legislativo, onde ciganas lêem a mão de crédulos, adolescentes de sandálias havaianas fazem piqueniques e comem sanduíches de mortadela, deitando-se nos tapetes, e grupos de baderneiros e lobistas interessados na aprovação deste ou daquele projeto de lei fazem o que querem — levando a Mesa a suspender os trabalhos da Casa, pelo fato de nem a segurança ter condições de esvaziar as galerias —, tudo isso significa uma só coisa: o Congresso caminha para perder o respeito.

Um Congresso que em maio só conseguiu (até a semana passada) deliberar sobre sete proposições, por falta de quórum; um Congresso cujos membros, interessados em suas respectivas campanhas políticas, ausentam-se permanentemente do local de trabalho, continuando a perceber os seus jetons, apesar da gazeta; um Congresso em que quase tudo o

que se aprova são viagens de seus membros para o Exterior, afora homenagens inúteis e "transcrições em anais" de discursos encomiásticos; um Congresso em que já houve escandalosas fraudes nas votações — os toques dos "pianistas" —, jamais punidas, em que se sucedem os "trens da alegria" para o benefício das parentalhas dos parlamentares; um Congresso que não chega a discutir um plano do Executivo que transformou por completo a economia do País, alheando-se do que mais afeta a sociedade para dedicar-se tempo integral às questiúnculas da politigagem — um Congresso que assim vive fez por merecer o espetáculo de anteontem.

Será concebível, em qualquer país civilizado — onde em consequência haja uma democracia e, por conseguinte, uma divisão de Poderes de Estado, e acima de tudo um Legislativo respeitável —, uma sessão dos trabalhos legislativos ser interrompida pelo fato de o presidente da Mesa diretora não ter condições de fazer cumprir sua ordem de retirar os baderneiros das galerias? E isto em pleno "esforço concentrado", isto é, no momento em que o Congresso, a "to-

que de caixa", tenta fazer a deliberação "em massa" de todos os projetos acumulados, não levados à pauta de votação pelo absentismo crônico dos senhores parlamentares.

A propósito, o próprio sistema do "esforço concentrado" revela a triste distorção dos trabalhos legislativos: projetos que afetam a vida dos cidadãos brasileiros vão "passando rapidinho", sem nenhuma possibilidade de discussão de seus pormenores, de suas implicações, de seus defeitos, muitas vezes graças a esse outro uso regimental que é um dos filhos diletos do autoritarismo, vale dizer, o famigerado "voto de liderança", entulho que o Congresso não faz a menor questão de remover — pois lhe parece conveniente. O único assunto que engaja os parlamentares em grandes debates é aquele que diz respeito a seus próprios interesses: é o caso, por exemplo, do tempo dos candidatos no horário gratuito no rádio e na televisão. Ah, isto sim, não passa fácil não! E aí vale tudo: obstruções, ausência deliberada de quórum, barganhas, trocas entre os partidos — no que muitos importantes projetos entram apenas como contrapeso, nas barganhas interpartidárias.

A essa crônica de omissões do Legislativo cabe acrescentar o assalto de que foi vítima, comandado pelos sindicalistas que queriam empurrar goela abaixo da sociedade brasileira o projeto que impede demissões nas empresas. Para eles, que insultaram os congressistas e resistiram à determinação da Mesa, não existe a idéia do que seja um Congresso. A Casa das Leis deve existir apenas, segundo eles, para aprovar aquilo que desejam impor aos outros, de cima para baixo. Note-se, porém, que os totalitários só encontram condições de fazer valer suas idéias, submetendo a sociedade, quando o Legislativo não corresponde aos anseios da nação.

Os sindicalistas e os jovens socialistas que transformaram o Congresso num bazar oriental anteciparam o que será o debate durante a Assembléia Nacional Constituinte: uma confrontação diária. O descaso com que os deputados e senadores tratam a opinião pública, pouco fazendo para merecer o seu respeito, ilustra o plano inclinado que a democracia nascente começa a trilhar. Essa situação mudará no pleito de novembro?